

volume

27/1

Dezembro/2021

ICH - UFPel

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História, Arte e Patrimônio Cultural: interlocuções na construção do conhecimento histórico

*Ast. Le Primeira d dom # ckel a primeira to dem  
especialidades em doces specialidades em doces  
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-  
sados e banquetes. E' asados e banquetes. E' a  
unica depositaria da afuunica depositaria da afu-  
mada Guarana Espumamada Guarana Espuma-  
te e do excellent chocoate e do excellent do  
lato Laeta, fabricados enlato Laeta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Srs. Zos.  
motta Leancira & Ciapotta Leancira & Ciap-  
A Confeitura Brasileira Confeitura Brasileira  
Ast. Le Primeira d dom # ckel a primeira to dem  
especialidades em doces specialidades em  
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-  
sados e banquetes. E' asados e banquetes. E' a  
unica depositaria da afuunica depositaria da afu-  
mada Guarana Espumamada Guarana Espuma-  
te e do excellent chocoate e do excellent do  
lato Laeta, fabricados enlato Laeta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Srs.  
motta Leancira & Ciapotta Leancira & Ciap-  
A Confeitura Brasileira Confeitura Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 27/1 p.1-161 dez. 2021

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitora*

Isabela Fernandes Andrade

*Vice-Reitora*

Ursula Rosa da Silva

*Chefe do Gabinete da Reitoria*

Aline Ribeiro Paliga

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cóssio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Eraldo dos Santos Pinheiro

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Fabiane Tejada da Silveira

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Paulo Roberto Ferreira Júnior

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Taís Ulrich Fonseca

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Presidente do Conselho Editorial:* Ana da Rosa  
Bandeira

*Representantes das Ciências Agrárias:* Victor  
Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra  
Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

*Representantes da Área das Ciências Exatas e da  
Terra:* Eder João Lenardão (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências Biológicas:*  
Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e  
Francieli Moro Stefanello

*Representantes da Área das Engenharias:*  
Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências da Saúde:*  
Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e  
Anelise Levay Murari

*Representantes da Área das Ciências Sociais  
Aplicadas:* Daniel Lena Marchiori Neto  
(TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e  
Maria da Graças Pinto de Britto

*Representante da Área das Ciências Humanas:*  
Charles Pereira Pennaforte (TITULAR),  
Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da  
Silva Leite Junior

*Representantes da Área das Linguagens e Artes:*  
Lúcia Bergamaschi Costa Weymar  
(TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João  
Fernando Igansi Nunes

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda  
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel –  
Profa. Beatriz Loner*

*Coordenadora:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof<sup>ª</sup>. Beatriz Loner

*Comissão Editorial:*

Prof<sup>ª</sup> Dra. Lorena Almeida Gill  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>ª</sup> Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editora:* Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume:* Darlan De Mamann Marchi e Luciana da Costa de Oliveira

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Pousada de carreteiros. Óleo sobre tela. 1921. Pedro Weingärtner.

*Pareceristas ad hoc:*

Amilcar Guidolim (URI – Santo Ângelo) |  
Angela Pomatti (MUHM) | Bárbara Tikami (UNISINOS) |  
Carolina Etcheverry (PUCRS) | Lidiane Elizabete Friderichs (UFPel) |  
Rita Juliana Soares Poloni (UFPel) |  
Olivia Nery (UFPel)

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: [editora@ufpel.edu.br](mailto:editora@ufpel.edu.br)

*Edição:* 2021/2

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online  
Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

*e-mail:* [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

\* obra publicada em dezembro de 2021.



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733  
Biblioteca de Ciências Sociais - UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: História, Arte e Patrimônio Cultural: interlocuções na construção do conhecimento histórico) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel - Profa. Beatriz Ana Loner, v.27, n.1, 2021. - Pelotas: UFPel/ NDH, 2021 –  
161 p. ; 3,8MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Arte 3. Patrimônio cultural

CDD: 907

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

# O PARQUE SOUZA SOARES (PELOTAS, RS): ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO E SIMBOLOGIA NO ENLACE ENTRE MUNDOS<sup>1</sup>

SOUZA SOARES PARK (PELOTAS, RS): SPACE OF REPRESENTATION AND SYMBOLOLOGY IN THE LINK BETWEEN WORLDS

Larissa Patron Chaves<sup>2</sup>  
Mônica Lucas Leal de Macedo<sup>3</sup>

---

**Resumo:** O trabalho apresenta recorte da pesquisa de doutoramento em História intitulada *Brasileiros de torna-viagem*: as referências identitárias do Visconde de Souza Soares através de sua representação nas cidades de Pelotas e do Porto/ Portugal. (1862- 1907) desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em História da UFPel. A caracterização de um *torna-viagem* é pautada pela parcela de portugueses que migram para o Brasil e, ao fazer rápida fortuna, retornam à Portugal carregando o estigma da bem aventurança, sustentada através de símbolos e da representação da riqueza e prosperidade. A discussão teórica-metodológica centra-se na questão identitária do sujeito, com ênfase nos artifícios de representação por ele utilizados, a exemplo do Parque Souza Soares como representação símbolo de Portugal. A representatividade do sujeito entre mundos é marcada por seus empreendimentos, donde, em especial o patrimônio edificado, deixa transparecer os muitos signos atestadores de identidade que, também, cumprem o desafio de interligar referências brasileiras e portuguesas.

**Palavras-chave:** Representatividade; Identidade portuguesa; *Brasileiros de torna-viagem*; Parque Souza Soares.

**Abstract:** The work showcases a piece of the history doctorate research titled *Brasileiros de torna-viagem*: as referências identitárias do Visconde de Souza Soares através de sua representação nas cidades de Pelotas e do Porto/ Portugal. (1862- 1907), developed along with the History Post-Graduation Programme of UFPel university. The characterization of a *torna-viagem* is based on the group of portuguese people who immigrated to Brazil, and after making quick money, returned to Portugal carrying the stigma of good fortune, withheld by symbols and representation of wealth and prosperity. The theoretical-methodological discussion is centered around the identity of the individual, emphasizing the instruments of representations used by them, such as the Souza Soares Park as a symbolic representation of Portugal. The individual's representativity is marked by their entrepreneurisms, in which, especially buildings, shows the many proving signs of identity which also complete the challenge of connecting brazilian and portuguese references.

**Keywords:** Representativity; Portuguese identity; *Brasileiros de torna-viagem*; Souza Soares Park.

---

## Introdução

O escopo da pesquisa está em identificar os aparatos simbólicos que resultaram na identidade do sujeito Souza Soares, sua distinção social e pertença ao grupo dos *brasileiros de torna-viagem*<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 15 de agosto de 2021 e aprovado em 01 de novembro de 2021.

<sup>2</sup> Docente do PPG em História-UFPel. PHD em História/CICP/Universidade de Évora. Doutora em História. Unisinos/RS. larissapatron@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História-UFPel. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural. Pelotas, agosto de 2021. monica.macedo.ni@gmail.com

<sup>4</sup> Esse grupo, socialmente distinto, fez sua trajetória de vinda para o Brasil e retorno à Portugal, especialmente,

As referências exibicionistas desses afortunados estavam diretamente associadas ao Brasil. Imitavam o gosto brasileiro nos vestuários, na fala, nos novos hábitos. Os bem sucedidos retornados foram os responsáveis por alterar as paisagens do campo e da cidade, através das quintas e palacetes adquiridos e/ou reformados *ao gosto brasileiro*. Esses bens acabaram por configurar sua maior forma de afirmação identitária – a *casa de brasileiro*, ou simplesmente, *casa brasileira*.<sup>5</sup>

Souza Soares, foi um *torna-viagem* que fez sua fama e fortuna, através da fabricação e comercialização de produtos homeopáticos, na cidade de Pelotas, onde deixou inúmeras contribuições sociais, culturais e econômicas. No seu retorno a Portugal foi influente a ponto de ser agraciado com o título nobiliárquico. (REIS, 2014) Seu patrimônio edificado, preservado ou apenas documentado, serve de fonte para pesquisar sua trajetória de vida<sup>6</sup>.

A representatividade do sujeito entre mundos é marcada por seus empreendimentos, donde, em especial o patrimônio edificado, deixa transparecer os muitos signos atestadores de identidade que, também, cumprem o desafio de interligar referências brasileiras e portuguesas.

### **Patrimônio edificado como artifício de representação: o Parque Souza Soares**

A imagem produzida por esses imigrantes, associada a concepção estética, de aceitabilidade visual com relação a sua recepção, valoração e fruição, está também associada a seus usos enquanto imagem de autorrepresentação. A representação engloba também esse caráter, indo além, na internalização de comportamentos, materialização de poderes e

---

durante a segunda metade do século XIX e início do XX. A imigração tinha como propósito a busca por melhores condições de vida. O Brasil se fazia um lugar próspero, com atrativos exóticos e oportunidades de trabalho junto a burguesia em ascensão. Os imigrantes alcançaram rapidamente boas condições financeiras que lhes renderam enlacs matrimoniais, que por vezes, funcionaram como alavanca social. Quando de seu regresso às localidades de origem, em nova situação econômica, esbanjaram sua prosperidade e ganharam notoriedade fazendo-se homens públicos. (MACHADO, 2005)

<sup>5</sup> Cabe destacar que nem todos os portugueses que atravessaram o Atlântico obtiveram fama e fortuna. Muitos permaneceram no Brasil em situação de remediados, trabalhando em pequenos comércios. Alguns voltaram para Portugal de mãos vazias, apenas para terminar a vida ao lado da família. Há ainda aqueles que retornaram sem dinheiro suficiente para adquirir uma quinta ou *casa brasileira*, podendo apenas e reformá-la com ares de *brasildade*. Não puderam patrocinar obras filantrópicas, ou mesmo participar da vida política. A estes foi dada a denominação de *abrasileirados*, pois não atingiram o patamar de um *brasileiro*. (ALVES, 1993)

<sup>6</sup> Algumas de suas propriedades não foram preservadas, como o complexo arquitetônico do Parque Souza Soares. (REIS, 2014) A casa que adquiriu na cidade do Porto encontra-se preservada, e a casa construída em Vila Meã é tombada como Patrimônio Cultural e recebe obras de restauro. (Informações dadas por Gonçalo Souza Soares, descendente do Visconde que reside na cidade do Porto/Portugal, em abril de 2020)

dispositivos capazes de fazer pensar qual o sentido do sucesso dessa imagem, e como chega a constituir uma questão identitária, pensada também como uma garantia de visibilidade social.

Os *brasileiros de torna-viagem*, enquanto grupo socialmente distinto, tencionam a conquista do topo da hierarquia social do seu tempo.

Bourdieu (1989, p. 14) afirma que “a classe hierarquicamente superior tenta impor e legitimar a sua dominação por meio de sua produção simbólica”.

A produção simbólica dos *torna-viagens* em prol da representatividade foi significativa: a fala, os trejeitos, o modo de vestir, e principalmente a construção de edifícios suntuosos para abrigar instituições por eles patrocinadas, ou mesmo para suas casas de moradia – atual patrimônio histórico edificado<sup>7</sup>.

Para Elias (2001) um dos maiores simbolismos usados para a distinção social está nas casas de moradia. Segundo o autor essa diferenciação hierárquica era determinante, no *Ancien Regime*, para que cada indivíduo soubesse e expressasse seu lugar na sociedade. As *classes profissionais* – trabalhadores comuns – deveriam ter casas sem o caráter representativo dos palacetes dos nobres. Deveriam, apenas, ter casas simples “que não têm importância, assim como seus habitantes”. (ELIAS, 2001, p. 76-77)

O autor reflete que desse formato de organização sociocultural decorreram muitos dos arranjos sociais, chegando até mesmo, a nossa contemporaneidade. O modo apelativo de representação pelas casas não foi, então, privilégio da França monárquica. Mas dela se espalhou para muitas sociedades, especialmente as ocidentais, ou ocidentalizadas, a quem mais influenciou culturalmente.

No vai e vem dos “entrecruzamentos culturais” (MACHADO, 2005) entre Brasil e Portugal, as edificações ganharam destaque por promover, tanto para os imigrantes em sua terra de adoção quanto para os retornados à terra natal, um dos maiores – se não o maior – símbolo de representação social. A isso se acrescenta a particularidade de que Portugal não sofreu influência direta da França, por mais próxima que estivesse geograficamente. Mas foram os imigrantes retornados do Brasil que conceberam as mudanças na paisagem lusitana,

---

<sup>7</sup> Como exemplo, a cidade de Fafe, no norte de Portugal, e é conhecida como a *cidade dos brasileiros*, por possuir o maior número de *casas brasileiras* preservadas, e tombadas. (Comunicação de Artur Coimbra no Seminário “*Brasileiro de torna-viagem* e a construção da luso-brasilidade nos oitocentos”. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro. 2017)

levando consigo a *arquitetura de brasileiros*, que nada mais era do que a arquitetura europeia, especialmente francesa, imitada largamente nas cidades brasileiras<sup>8</sup>.

Apesar do enfraquecimento, e/ou superação do regime monárquico, as posições sociais atestadas pelas casas de moradia é um valor que perdura.

Nesse sentido, Jorge Alves enfatiza a importância que tiveram as propriedades enquanto legitimadoras das conquistas sociais, ao resumir o papel dos *brasileiros* quando retornados a Portugal:

O papel do remigrado do Brasil na constituição da sociedade portuguesa foi capital no norte do país. Personagem viva que assomava e ascendia sobre o decair rápido das classes predominantes do velho regime. Aburguesaram, fortemente o meio e regaram de libras a cidade e o campo, bairros inteiros edificaram no Porto, cidade sua predileta. Eram seus o palacete urbano enfeitado com brasão da fidalguia de fresca data que os ufanava e o casarão vermelho erguido no pomar da quinta bem granjeada. A igreja, a escola, o asilo, o hospício, o hospital, outros tantos marcos da sua benemerência dadivosa. (ALVES, 1994 *in* MACHADO, 2005, p. 55)

“Eles também se dedicavam a reformar quintas e a construírem casas com as marcas distintivas de seu sucesso e expressão da sua individualidade”. (PESSOA, 2016, p. 125)

Ou seja, para ser digno de ser reconhecido como um *brasileiro*, o retornado deveria construir sua residência apalaçada, comprar ou reformar uma quinta, ou quantas quintas seu dinheiro permitisse<sup>9</sup>.

Portugal, sobretudo a região minhota, foi assim marcada a partir do segundo quartel dos oitocentos, pelas imponentes obras de arquitetura dos *brasileiros de torna-viagem* – as *casas brasileiras* – seu verdadeiro “estandarte de ostentação”. (COIMBRA, 1997)

Ao mesmo tempo, nas terras de além-mar, a roupagem vistosa do ecletismo historicista<sup>10</sup> se difundia cada vez mais sobre casarios e cenas urbanas, adjetivando as cidades brasileiras, principalmente as capitais.

---

<sup>8</sup> Sobre esse tema ver mais em: SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo historicista em Pelotas: 1870-1931**. Pelotas: Editora Universitária/Universidade Federal de Pelotas, 2014.

<sup>9</sup> A exemplos as citações: “Laura era filha única, herdeira de vários *brasileiros*, e proprietária de várias quintas”. (PESSOA, 2019, p. 111) “Segundo documentação da coleção Luiza Campos de Carvalho, o espólio do Comendador continha dezoito quintas, avaliadas em 1.240.980\$00” (Op.cit., 2016, p. 141)

<sup>10</sup> O ecletismo historicista foi a linguagem arquitetônica vigente no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Caracterizou-se por seus adornos, de raízes classicistas, nas fachadas e interiores. As casas assemelhavam-se a palacetes com porões altos, frontões, pilastras e platibandas ricamente trabalhados. (SANTOS, 2014)



Criou-se assim um imaginário arquitetônico, desenvolvido nas fachadas das residências edificadas para as classes dominantes, que através das ornamentações das imponentes caixas murais dos prédios, salientavam o poder e a riqueza das elites das cidades. (SANTOS, 2014, p.65)

Em Pelotas, os barões do charque marcavam o centro da cidade com seus palacetes ao gosto eclético. (GUTIERREZ, 1993; SANTOS, 2014)

Nesse contexto, de meados do século XIX, despontavam as realizações do imigrante, já bem sucedido, José Álvares de Souza Soares.

Foram muitos os seus empreendimentos em ambos os lados do Atlântico. Todos contribuindo para a formação da sua figura pública. Entre fundações de jornais no Brasil e em Portugal, mais precisamente, em Pelotas e na cidade do Porto; publicações de almanaques de medicina para as famílias; e participação na vida política, aqui e lá, o jovem empreendedor marcou presença e atestou notoriedade chegando ao reconhecimento da Coroa Portuguesa, que lhe concedeu em 1904, o título de Visconde. (REIS, 2014)

Entretanto foi no Sul do Brasil, na cidade de Pelotas, que realizou o seu maior sonho, apogeu do seu empreendedorismo – o Parque Souza Soares. (Figura 1)

Inaugurado como Parque Pelotense, em 2 de fevereiro de 1883, a área campestre entrou para história com o nome de seu idealizador, como ficou popularmente conhecida.

Inicialmente pensado para abrigar a fábrica do Peitoral de Cambará<sup>11</sup>, acabou se tornando um refúgio campestre que atraía a sociedade pelotense, proporcionando passeios ao ar livre, e entretenimentos culturais. O local era aberto ao público, sendo cobrados ingressos aos domingos e em dias de espetáculos circenses ou teatrais<sup>12</sup>.

Além de exibir para a sociedade edificações apalaçadas de feição eclética, o Parque alcançou, até mesmo, um novo traçado urbano para as linhas de bonde da cidade:

Na época da inauguração do Parque Pelotense, já havia em Pelotas uma linha de bondes de tração animal que ia do centro da cidade até o fim do Fragata. Por iniciativa de meu bisavô<sup>13</sup>, foi estendido um ramal dessa linha até o interior do Parque, para facilitar a locomoção dos visitantes. (REIS, 2014, p. 132)

<sup>11</sup> Peitoral de Cambará era um xarope para tosse e moléstias das vias respiratórias, elaborado a partir da erva com o mesmo nome. O preparo ganhou vários prêmios internacionais, e era vendido em alguns países da América Latina. Foi este o produto responsável pela fortuna do imigrante. (REIS, 2014)

<sup>12</sup> “O Parque Pelotense não tinha como maior objetivo ser a famosa área de lazer pela qual ficou conhecido. Foi planejado como local onde seriam instalados a fábrica do Peitoral de Cambará e o laboratório dos produtos homeopáticos conhecidos como Específicos de Souza Soares, e tornou-se um empreendimento pioneiro e exemplar”. (REIS, 2014, P. 132)

<sup>13</sup> Carmen Souza Soares Reis é genealogista e bisneta do Visconde de Souza Soares.

O complexo arquitetônico do parque contava com residência para família, restaurante, capela, escola, fábrica e laboratório, além de caminhos por entre o arvoredo, e lago artificial.

A casa da família era suntuosa, construída em linguagem eclética, bem como o restante dos edifícios do empreendimento. Nela nasceram e cresceram a maioria dos filhos de Souza Soares.

O restaurante servia aos funcionários, que também tinham suas casas no interior do parque.

Na capela, dedicada a Santa Luzia, celebraram-se casamentos e batizados da família. A procissão dedicada à sua santa padroeira, promovida por Souza Soares, movimentava a cidade, e nestas ocasiões, o templo era aberto ao público para a celebração de missa festiva<sup>14</sup>. O altar da capela era composto por três imagens sacras vindas do norte de Portugal – do Cristo, de Santa Luzia, e de São Bento – todas ricamente ornamentadas com pedras preciosas<sup>15</sup>.

A Escola Popular foi fundada em janeiro de 1885, e destinava-se ao ensino dos empregados da família, dos moradores da vizinhança e dos filhos do Sr. Souza Soares.<sup>16</sup> A escola cresceu, e mudou de endereço. No ano de 1939, passou a ser a Escola Estadual de Primeiro Grau Visconde de Souza Soares, no loteamento São Geraldo, no bairro Fragata, com capacidade para 150 alunos.

---

<sup>14</sup> A tradição de rezar uma missa em homenagem à Santa Luzia, todo dia 13 de dezembro, é mantida por Leonor Souza Soares, bisneta do Visconde.

<sup>15</sup> Atualmente as imagens encontram-se alocadas no Museu Chácara da Baronesa.

<sup>16</sup> Segundo fonte escrita por um familiar do Visconde (ainda não identificado), anexada juntamente com o *Regulamento da Escola*, por ocasião do segundo aniversário do Parque Pelotense, a Princesa Isabel visitou a escola popular para prestigiá-la, e fez sentar-se ao lado dos alunos, seu filho, o Príncipe do Grão-Pará. Em nota, o *Correio Mercantil* publicou no dia 15 de março de 1885, uma cópia da carta que o Sr. Souza Soares entregou à Princesa, agradecendo e pedindo licença para a instituição passar a chamar-se *Escola Príncipe do Grão-Pará*. E à sua entrada encontrava-se uma pintura à óleo do Príncipe, de corpo inteiro. (REIS, 2014)

Figura 1: Aquarela usada como material promocional do Parque Pelotense.



Fonte: Acervo de Leonor Souza Soares.

A busca por pertencer a uma classe hierarquicamente dominante parece ser objetivo de muitos sujeitos. Ao menos dos que tem a chance da disputa a esses lugares sociais. Distinguir-se pelo status da própria residência, é como já foi dito, um grande artifício de representação desde o *Ancien Regime*. E quando esse lugar compreendia um parque de recreação, inédito para a cidade, aberto ao público e com um conjunto de edifícios erguido nos moldes das mais opulentas obras arquitetônicas da época, o anseio exibicionista e diferenciador torna-se legível.

Ao se analisar o complexo arquitetônico do Parque Souza Soares enquanto imagem – detentora de poder simbólico – sobressai o sujeito rico, afortunado, de ideias progressistas, dono de sua fábrica. Talvez generoso e benemérito, uma vez que abria o

parque para a sociedade pelotense, a escola para crianças carentes, e produzia medicamentos ao alcance de todos<sup>17</sup>.

O fato desse empreendimento ser concebido como uma área de lazer direcionada a apreciação pública – lembrando que não se produz um material exibicionista se não for para ser admirado – traduz muito da desejosa distinção social.

Porém, o olhar investigativo, que procura ler nas entrelinhas (GINZBURG, 1991), traz à tona um questionamento: será possível ver além do simbolismo primário e perceber na construção do parque o desejo do imigrante em ter a sua *quinta portuguesa*? Traçando, assim, uma ponte entre o mundo português da realidade rural e a área campestre adquirida na sua nova terra de adoção?

Começam a ser traçadas hipóteses a respeito da representação e dos emaranhados anseios da subjetividade, vinculadas ao poder imagético.

O poder simbólico da imagem, capaz de religar mundos, é usado pela comunidade dos *torna-viagem* também através de conjuntos arquitetônicos, com poder de fazer sair do anonimato um sujeito, e mais do que isso, devolvê-lo aos cenários das suas origens, das suas esmaecidas memórias.

O desejo, impregnado de simbolismos, das quintas portuguesas representadas em áreas campestres, adquiridas pelos imigrantes lusitanos endinheirados, não foi raridade<sup>18</sup>.

O Parque Souza Soares lembrava uma quinta portuguesa em muitos dos seus aspectos, e cumpria a função de entrelaçar dois mundos – o do jovem emigrante José Delfim, e o do imigrante bem sucedido Souza Soares.

Segundo Carmen Reis (2014, p. 132), o ainda jovem, mas já endinheirado imigrante, “sonhava em possuir uma propriedade rural para estabelecer sua moradia”.

Algumas significativas características de semelhanças entre o parque no Brasil e as quintas em Portugal, emergem do aprofundamento do olhar investigativo: a demarcação da entrada, os espaços arborizados, as áreas para criação de animais e para o plantio de diversos gêneros alimentícios – como um visionário, Souza Soares, já dava à sua propriedade

---

<sup>17</sup>Os almanaques elaborados e desenvolvidos pela Casa Souza Soares continham dicas de cuidados com a casa e a saúde. Entre esses, o que ganhou maior popularidade, chegando a ter dezessete edições, foi o intitulado Manual do Novo Médico ou a Medicina Simplificada ao Alcance de Toda Gente. (REIS, 2014)

<sup>18</sup> A exemplo, a casa do luso Comendador Albino Oliveira Guimarães, no Rio de Janeiro, que à época, 1879, era afastada das zonas residenciais, e cercada por área verde. O edifício abriga atualmente o Museu A casa de Rui Barbosa. (PESSOA, 2016)

campestre, ares de sustentabilidade. Outra referência simbólica foram os passeios de barco pelo lago artificial do parque, que fazem lembrar os barcos moliceiros de Portugal<sup>19</sup>. (Figura 2)

**Figura 2:** Foto do interior do Parque Pelotense. Passeio de barco. (esquerda). Foto de um barco moliceiro. Aveiro/ Portugal. (direita)



**Fontes:** Acervo de Leonor Souza Soares (esquerda). Repositório de asenhoradomonte.com. Disponível em <https://asenhoradomonte.com>. Acessado em 04/08/2021(direita)

Ainda que Portugal e Brasil não estabelecessem distinções étnicas, a diferenciação cultural deixava transparecer o oceano que os separava. O que para um viajante entre os dois mundos era causa geradora de lacunas, desejosas de preenchimento.

Se por um lado a produção imagética do país de construções medievais defrontava-se com o exótico Novo Mundo pouco explorado. Seriam os migrantes – viajantes entre os dois mundos – os responsáveis por construir pontes culturais.

A eleição de um lugar ermo, que exaltasse a natureza, longe do centro efervescente da emergente Pelotas de meados dos oitocentos – com o círculo cultural elitista dos charqueadores e suas opulentas residências – poderia ter sido apenas mais um signo de distinção. Mas para além dessa questão da afirmação social, existia a ideologia identitária. Segundo os conceitos de Hall (2003), é difícil romper o vínculo identitário das origens.

Entre o saudosismo da terra natal e as bem aventuranças do exílio brasileiro, o imigrante enriquecido ia afirmando seu lugar na sociedade, em posição de destaque, fazendo

<sup>19</sup> “Moliceiro é o nome dado aos barcos que circulam na Ria de Aveiro. Estas embarcações eram utilizadas, originalmente, para a apanha do moliço. O moliço é uma planta aquática e era a principal fonte de adubagem nas terras agrícolas de Aveiro. Ou seja, o moliceiro era um barco de trabalho”. (Disponível em <https://asenhoradomonte.com>. Acessado em 04/08/2021)

a conexão entre as realidades dois lados do Atlântico. Um entrecruzamento cultural que mais tarde, iria se perpetuar através das linhagens por ele formadas: a família Souza Soares do Brasil, e a família Souza Soares do Porto – como ficaram sendo chamadas<sup>20</sup>.

Na flexibilização, ou melhor dizendo, na expansão das raízes criadas, entre as partidas e as chegadas daqueles que migram, se deu o retorno de Souza Soares à Portugal, e a almejada distinção por meio do título nobiliárquico.

Os anseios de ter a própria área campestre – como uma quinta – iriam ser vistos novamente, por ocasião da compra da casa da Rua Santa Catarina, na cidade do Porto. A propriedade, apesar de inserida no contexto urbano da agitada cidade portuária, era possuidora de extensa área verde, na qual Souza Soares projetou o próprio jardim botânico<sup>21</sup>.

Com seu retorno a Portugal, o parque no Brasil passou aos cuidados de Leopoldo e Miguel, filhos do primeiro casamento. Especialmente para dar continuidade a produção dos medicamentos. Com o passar do tempo, e alguns fatores como o advento da penicilina, por volta de 1940, os produtos homeopáticos foram aos poucos caindo em desuso<sup>22</sup>. Além de uma questão, que se tornou pública, de acusação de fraude das fórmulas homeopáticas de Souza Soares, que podem ter abalado a confiabilidade dos produtos<sup>23</sup>. (REIS, 2014)

Uma vez diminuída a produção fabril, ou mesmo desabilitada, o complexo arquitetônico do parque ainda contava com a capela, a escola, as casas de agregados, a suntuosa residência da família, e as instalações da própria fábrica e laboratório. E apesar de

---

<sup>20</sup> Souza Soares casou-se, em primeiras núpcias, com filha de um importante comerciante da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Deste matrimônio nasceram seis filhos, sendo os dois mais velhos, os únicos a residir sempre no Brasil. Depois de viúvo, casou-se novamente com uma parenta portuguesa, com quem teve mais 8 filhos, dois nascidos em Pelotas e os outros em Portugal, onde todos passaram a residir. Com isso, formaram-se duas vertentes de sua linhagem: a família Souza Soares do Brasil, e a família Souza Soares do Porto. (REIS, 2014)

<sup>21</sup> Ter o próprio jardim botânico foi um recurso utilizado por Souza Soares para o cultivo das ervas medicinais para o preparo dos específicos – homeopáticas. As plantas eram enviadas para a fábrica do Parque Souza Soares, no Brasil, aos cuidados dos filhos mais velhos. Os medicamentos eram produzidos e exportados de volta para Portugal, a fim de serem comercializados na Farmácia Souza Soares, que funcionava no mesmo corpo da casa, à Rua Santa Catarina. Atualmente o edifício abriga o Hospital Santa Catarina, e a farmácia permanece em funcionamento, sob a mesma denominação – Farmácia Souza Soares – apesar de não estar mais sob a tutela da família. (REIS, 2014)

<sup>22</sup> Os tratamentos com medicamentos homeopáticos ficavam por conta das pessoas menos abastadas, pois quem podia, pagava pelos antibióticos, de maior eficácia. (REIS, 2014)

<sup>23</sup> Acusado de plagiar as fórmulas dos específicos Dr. Humphreys, Souza Soares precisou se defender publicamente. Foram muitos seus escritos à jornais, no Brasil e em Portugal, em defesa de sua idoneidade. (Idem).

todos esses bens – facilmente entendidos, hoje, como patrimônio histórico arquitetônico – nada resta preservado. Nem mesmo ruínas.

Barth (*in* POUTIGNAT; STREIFF, 1998, p 165) diz que a história comum pode ser puramente ficcional e invocada ou esquecida de acordo com as circunstâncias.

Quando um conjunto edificado se perde no tempo, e nem mesmo ruínas são preservadas, a história sofre um apagamento. Uma trajetória que não será testemunhada pelo legado arquitetônico, nem serão revisitados no presente, os lugares construídos. Restando todo tipo de documentos que os descendentes de Souza Soares puderam guardar: atas da escola, fotografias, recortes de jornais, etc.

Nos rastros desse apagamento se tenta desvendar a obscuridade da não preservação. As imagens perpetuam, por vezes, memórias coletivas. (HALBWACHS, 2004) Quando preservadas, se fazem efetivos lugares de memória. (NORA, 2008) E quando podem ser revisitadas no presente, como no caso do patrimônio edificado preservado, evocam essas memórias, conservando os vínculos identitários. (LOWENTHAL, 1998) Um empreendimento de tão grande porte não ter sido preservado provoca a inquietude sadia que permeia a pesquisa.

Há muitas causas prováveis para o desfecho histórico do parque. A primeira delas, o afastamento do seu criador. Depois da morte de sua esposa, Souza Soares teria passado por momentos depressivos até decidir-se por casar-se novamente. E para isso, desejava escolher uma moça entre sua parentela em Portugal. Fez, assim, a travessia do oceano em retorno a sua terra natal. (REIS, 2014)

Apesar dos filhos terem ficado para tomar conta da fábrica, Souza Soares passou a dedicar-se a empreendimentos na cidade do Porto.

Além disso, ao final do século XIX, entrada do XX as elites pelotenses concentravam-se na área central da cidade, menosprezando talvez, as localidades mais afastadas.

Sua posição política – declarado abolicionista – apesar de paradoxal, pois almejava um título nobiliárquico em favor da monarquia, pode ter lhe custado alguns dissabores entre a sociedade pelotense escravocrata da época.

As investigações acoerrem para tentar sanar muitos questionamentos, ainda em fase de hipóteses. O registro dessa busca, futuramente apresentado como tese de doutorado, pretende contribuir com as narrativas históricas.

O parque Souza Soares e o aparato que conferia a representação do luso na cidade de Pelotas não existe mais, em grande parte. Ao enfocarmos suas ações e construções como representação de um contingente populacional desejoso de um “lugar ao sol”, compreendemos parte da história da cidade e de sua formação. Avenidas, largos, edifícios, caminhos fazem parte de um entrecruzar passado, presente e futuro, na complexidade de pensar as camadas da cidade e de uma sociedade no extremo sul do Brasil.

### **Considerações finais**

O Visconde de Souza Soares – denominação com a qual o sujeito investigado entrou para história – tem sua trajetória de vida marcada pela representação.

Fez representar-se como um legítimo *brasileiro de torna-viagem*, enquanto imigrante bem sucedido. Tal façanha pôde ser atestada pelo seu empreendedorismo no sul do país, e no retorno a Portugal – sua terra Natal.

Alcançou fama e fortuna através da fabricação e comercialização de produtos homeopáticos. Chegando a exportá-los para vários países da América Latina e Europa. Sobretudo promoveu relações comerciais entre Brasil e Portugal, favorecendo também, o intercâmbio cultural entre os dois países.

Como um imigrante enriquecido, deixou contribuições culturais e sociais na cidade de Pelotas. E seguindo o curso do fenômeno que caracterizou a imigração lusitana daquela época, ao menos da maior parte dela, foi possuidor de significativo acervo arquitetônico, que serviu tanto para suas residências, quanto para seus estabelecimentos comerciais: farmácias, depósitos e laboratórios.

Essa opulenta produção arquitetônica deixou marcas nas localidades por onde passou, e passou a viver. Tanto no Brasil, quanto em Portugal.

Em especial, o Parque Pelotense, ou Parque Souza Soares – como ficou conhecido – marcou a sociedade pelotense, exibindo sofisticado complexo arquitetônico e promovendo um novo desenho urbano para as linhas de bonde da cidade.

O refúgio aprazível se configurou no maior dos empreendimentos de Souza Soares, sendo muito mais do que a localidade campestre, que inicialmente havia sido pensada para albergar as instalações da fábrica do Peitoral de Cambará.



Ao analisar a relevância que tal empresa teve para a cidade e para a família Souza Soares, é fácil inferi-la como um forte signo de representação, que dava conta de atestar a figura pública do audacioso empreendedor.

Entretanto, o olhar minucioso – pauta da investigação histórica – obriga a interpretar o feito como mais uma ponte cultural e sensível de ligação entre dois mundos: o do vínculo primário com as origens, e o do bem sucedido imigrante.

O desejo de morar em uma área rural, afastada do centro urbano, de ter espaço para plantar e criar animais de pequeno porte, de se cercar por área verde e ter o próprio lago, religa os fios tecidos nos emaranhados da subjetividade, entre o rapaz português e à sua quinta.

A aquisição das quintas, assim como das suntuosas residências urbanas, eram objetivo de todo *brasileiro de torna-viagem* no retorno a Portugal. Alguns imigrantes conquistaram a façanha de obter propriedades em terras brasileiras, as quais faziam assemelhar-se à tão sonhada quinta lusitana.

Nesse entrecruzamento cultural, as referências se entrelaçam, e a replicação de elementos simbólicos, como os adornos arquitetônicos por exemplo, faz destes, verdadeiros signos identitários, ou signos em prol da afirmação identitária dos sujeitos entre mundos.

Souza Soares teve o ápice da sua representatividade, quando da conquista do título nobiliárquico, em 1904, cuja insígnia passou a figurar, até mesmo, nos rótulos de seus produtos homeopáticos.

Tantos signos explorados pelos que buscam lugares privilegiados na sociedade, de pertencimento à grupos seletos, ou mesmo como alicerces pessoais, formam, afirmam e reafirmam as identidades.

Os *brasileiros de torna-viagem* dão testemunho da ênfase que foi dada em qualificar, e até rotular os indivíduos.

A trajetória de Souza Soares denota sua busca por afirmação social. Uma história ainda pouco investigada e com testemunhos dos seus feitos no Brasil e em Portugal, ainda desconexos, necessitando que se percorra seus caminhos nos rastros das suas obras. Traçando, a partir da historiografia, novas pontes culturais que favoreçam sua posteridade.

O sujeito entre mundos – Visconde de Souza Soares – teve sua representação dos dois lados do Atlântico. Carregou consigo as bagagens identitárias de origem e de adoção. Fez algumas vezes a travessia do oceano entre os dois continentes. Perpetuou suas

linhagens formando uma família brasileira e uma família portuguesa, com filhos nascidos aqui e lá.

Esses intercâmbios permeiam não só a história das migrações, como marcam as sociedades por onde os viajantes passaram. Os imigrantes não estiveram aqui só de passagem. Ainda que muitos tenham retornado às localidades de origem, as suas contribuições culturais são fontes de muitas das configurações sociais que vivemos.

### Referências bibliográficas:

- ALVES, Jorge Fernandes. **Os brasileiros. Emigração e retorno no Porto oitocentista.** Porto: Faculdade de Letras UP, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.
- COIMBRA, Artur Ferreira. **Fafe – A terra e a memória.** Fafe: Edição Câmara Municipal de Fafe, 1997.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Tradução Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel, 1991. \_\_\_\_\_. Representação: a palavra a ideia e a coisa. *In Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância.* SP: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. *In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. A micro-história e outros ensaios.* Lisboa: Difel, 1989. p. 169-178.
- GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas & olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** Porto Alegre: Ed. UFPel/Livraria Mundial, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva,** tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004; HEIDEGGER, Martin.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História.** São Paulo, 17, 1998.
- MACHADO, Igor José de Renó. **O “brasileiro de torna-viagens” e o lugar do Brasil em Portugal.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro: N° 35, p. 47-67, jan/jun, 2005.
- NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire.** Montevideo: Ed. Trilce, 2008.
- PESSOA, Ana. De caixeiro a Barão: trajetória de um comerciante português no Rio de Janeiro oitocentista. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro,** v. 5, p. 97-112, 2011. \_\_\_\_\_. SANTOS, Ana Lúcia. José Florêncio Soares: requinte e modernidade entre o Rio de Janeiro e Fafe. **Livro Atas V Colóquio A Casa Senhorial.** indd 99, 2019. \_\_\_\_\_. **As casas do comendador Albino de Oliveira Guimarães. Porto/ Portugal.** Escola das Artes: Universidade Católica do Porto, 2016.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguidos de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

REIS, Carmen Souza Soares. **Souza Soares**: a saga de uma família portuguesa no Brasil. Porto Alegre: Ed. do Autor, 2014.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas. 1870-1931**. Pelotas: Editora Universitária. UFPel, 2014.